

TRADUTTORE TRADITORE?
GRAMSCI'IN'ENGLISH OU AS ANTINOMIAS DE PERRY ANDERSON

Roberto Della Santa¹

RESUMO: O presente ensaio – tentativo e exploratório – esboça um exercício de primeira aproximação aos textos e con-textos da *atividade de mediação* estabelecida pelo *conselho de redação* editorial – e *círculo de cultura* político – da «segunda geração» da New Left Review (NLR) entre a teoria marxista européia e a prática socialista britânica em geral e, em especial, entre o pensamento gramsciano e a *millieu* da New Left inglesa. Emprega-se, aqui, um conceito ampliado de *tradutibilidade* e a reflexão sobre o *jornalismo integral* que, dentro da obra de A. Gramsci, mantém um nexo orgânico com a *história dos intelectuais* e a *concepção de hegemonia*.

Palavras-chave: Gramsci. Perry Anderson. Tradutibilidade.

*“O mesmo raio luminoso, passando por diversos prismas,
produz refrações diversas de luz ...
Buscar a real identidade na aparente alteridade,
e contradição – e buscar a substancial diversidade
sob a aparente unidade –, é a mais delicada,
incompreendida e, contudo, essencial competência
do crítico das idéias e historiador social do vir-a-ser histórico”*
(Q.24§14|15, p. 2.268, *Giornalismo*, tradução/adaptação nossas.)

Gramsci, Antonio. Quaderni del carcere Ed. critica Istituto Gramsci. Einaudi: Torino, 1975

Gramsci, Antonio. Cadernos do cárcere. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2001/2002

A reconstituição, *in minimum*, de um amplo panorama de difusão e recepção da obra gramsciana no mundo de fala inglesa considera momentos pré e pós-New Left Review (NLR), voltada ao constante evoluir e renovação do marxismo britânico, de fala inglesa e, já por fim, o “*Pensamento Marx-Mundo*”. Especial ênfase será posta sobre tal segunda geração, seus modos de pensar e agir sobre a cultura marxista britânica, o ideário socialista de fala inglesa e, já algo em especial, a tradutibilidade de Gramsci à Inglaterra partindo de reconhecer papel-chave (ou intelectual gatekeeper) desempenhado pelo editor P. Anderson.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2016.v53n2.04.p35>

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FFC/UNESP-MARÍLIA. Pós-Doutorando na Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói/Gragoatá).

I

Gramsci é um dos autores mais citados no globo em padrões vigentes de quantum/qualis bibliológicos. Ninguém menos que Hobsbawm já reconheceu-lhe contribuições inovadoras na *quasi*-totalidade das assim-chamadas ciências humano-sociais. Mas como já é de sobra admitido mundo-afora nos estudos gramscianos é preciso perspectivar, antes que tudo, a «contradição em termos» entre o modo de exposição fragmentado/esparso e seu programa de pesquisa coerente/unitário ou – com Gerratana (1975) – *o que há de realmente unitário no aparentemente diverso*. Particularmente no Brasil há uma *luta de hegemonias* em curso para instituir um novo “senso comum” – teórico-político – sobre os problemas advindos do que Bianchi (2008) consideraria “o segundo cárcere do sardo”, *i.e.*, seu aprisionamento ao complexo categorial tipicamente liberal desde a redução de um apurado modo de pensar a slogans (“democratizar-democracia”) e díades *politicistas* (“reformismo-revolucionário”). Neste espaço/tempo dedicar-nos-emos tomar-lhe emprestado um conceito em movimento, o cânone interpretativo do *jornalismo integral* (Q.24), para analisar a situação de vir-a-ser de sua difusão por um centro unitário – de modos de agir e sentir – *peculiarmente ingleses*. A “materialidade” (Francioni, 1984) da opera gramsciana e o “ritmo de seu pensamento” se tornam apreensíveis sobretudo a partir do trabalho coletivo do Istituto Gramsci, “a cura” de Valentino Gerratana, sobre os Quaderni del carcere (QC) nos quais desde a cooperação complexa de uma série de colaboradores foi factível um minucioso labor de reconstituição, historicista/filológica, através de uma sofisticada metodologia, genético-diacrônica, em ato. Não vamos aqui insistir, exaustivamente, sobre o que é a historiografia-padrão da velha publicação temática, gerada esta “a cura” do PCI de Palmiro Togliatti, dos QC e seu détour entorno a supressões, prefaciações e/ou reagrupamentos de material em “títulos-fantasia”.² Queremos crer que com Dias *et. al.* (1996), Del Roio (2005) e, por fim, Bianchi (2008), já esteja ao menos indiciada na história da difusão/recepção de Gramsci a realidade efetiva da prevalência não só da argúcia de um marxismo *crítico* – a-dogmático e anti-determinista – mas, a um só e mesmo tempo, da combatividade, enfim, de um marxismo *revolucionário*,

² Nem tampouco os sérios problemas – já sejam eles políticos ou editoriais, teórico/práticos –, daí, originados.

cuja gênese e devir tem lugar a partir duma complexa síntese de múltiplas determinações que se imbrica numa notável riqueza de relações diversas entre história, política e filosofia.

Pretendemos aqui recensar brevemente – numa espécie de *diagrama rudimentar* –, tão-somente algo tal qual um subcapítulo, bastante específico, desta intrincada história político-editorial. No interior de uma sua seção anglo-saxã da fortuna crítica do trabalho teórico-político – que envolve uma concepção ampliada de labor editorial, sobre a difusão política, desde o pensamento gramsciano a partir da Grã-Bretanha –, que pretende “não somente ... satisfazer a todas as necessidades (de certa categoria) de seu público, mas ... também formar e desenvolver a estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, formar a seu público e ampliar, progressivamente, a sua área” (GRAMSCI, 2001, p. 161), é possível divisar um momento fundamental. A partir das primeiras iniciativas político-editoriais, as quais tiveram sede no Grupo de Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha, de verter/contextualizar a obra do sardo, um segundo momento se lhe sucedeu. O projeto editorial amplo cujo núcleo ativador tem seu centro na revista *New Left Review*³ – envolvendo atos jornalísticos e *extra-jornalísticos*, em iniciativas como a Verso ou *New Left Books*, panfletos e opúsculos – ganha, progressivamente, cor e textura a partir dum pôr-teleológico que visa, de modo auto-consciente e auto-organizado, “pôr ao alcance dos leitores de língua inglesa às principais obras da tradição marxista europeia, em contexto desenhado para aumentar ao seu impacto e sua atração intelectual” (ELLIOT, 1998, p. 102)

Em meio a um *balancesheet* típico – desde o conselho de redação, da NLR, em ambiência ideológica “settentotesca” – Anderson chegaria ao seguinte veredicto sobre as coordenadas históricas da cultura e da política do mundo do trabalho daquela hora e lugar: “a mais conservadora entre as grandes sociedades europeias tem por ora uma cultura à sua imagem e semelhança: medíocre e inerte (...) contexto (...) capaz de superar o capital só poderia surgir duma cultura capaz de enfrentar a sua ascendência intelectual ... alternativa.” (ANDERSON, 1968, p. 03). Passado um quartel de século e, ora, sua análise não poderia ser mais antitética: “do Tribunal [da História] adveio a mas viva República das Letras do Socialismo Europeu.” (ANDERSON, 1992, p. 197). Quê teria dividido águas tão díspares? Não podemos deixar de considerar a atividade de *mediação* desenvolvida por este conselho de redação típico, entre a “provinciana” cultura teórica da Inglaterra insular e uma vigorosa cepa “cosmopolita”, a partir do marxismo crítico desenvolvido desde a Europa continental.

³ Maiores detalhes sobre a fissura do Partido Comunista nos anos 50 ou a formação da NLR nos anos 60 podem ser conferidos em nossa pesquisa sobre Perry Anderson, *New Left Review* e *Pensamento Marx-Mundo*.

Sem sombra de dúvidas a tradição paroquial e quietista⁴ da semântica, da sintaxe e da própria linguagem marxistas inglesas – segundo Anderson, tão heterônomas quanto a “sua” burguesia –, muito deveu às introduções/críticas/recenseamentos/traduições/aclimações que este corpo editorial deu à luz em pensamentos e vocabulários tão desconhecidos para a “peculiaridade dos ingleses” quanto os de um Lukács ou Sartre, Korsh e Adorno, Brecht ou Benjamin. Uma cultura e uma política *radicais* que, sob o efeito da vaga insurrecional de estudantes e operários que varreu, como rastilho de pólvora, de Paris a Berlim e de Turim a Praga – vertendo águas, inclusive, às docas da Velha Ilha⁵ –, deu-se a introduzir algo como uma *cidadania inglesa* à teoria social e política do revolucionário sardo por essas bandas. Enquanto as velhas direções enfrentavam-se a um beco-sem-saída histórico – já fosse dum mórbido diamat stalinista, um bizarro ecletismo fabianista ou invulgar reformismo labour – a nova corrente de pensamento demonstrava vasta e ampla vantagem sobre os contendores.

Gramsci costumava criticar à intelectualidade cujo modo de ser e agir a postava tal qual casta “stacatta” – destacada, tanto no sentido de sua *proeminência*, teórico-metódica, quanto em sua *distinção*, social e política – nas respectivas formações sociais sob a rubrica, pejorativa, do “cosmopolitismo”, que a alienava duma vontade coletiva nacional-popular; Trotsky, certa feita, julgou a *intelligentzia* da revista *Partisan Review* tal qual “um pequeno monastério cultural”, por preservar-se “do mundo exterior; via ceticismo, agnosticismo e respeitabilidade”. Contraditoriamente, *carapuça posta*, a NLR seria sua maior divulgadora.

II

Através de uma concepção ampliada de linguagem enquanto concepção de mundo, de homem e de conhecimento – e do cânone de interpretação da “tradutibilidade”, de distintas linguagens filosóficas, históricas e políticas –, Gramsci desenvolve uma série de reflexões sofisticadas e instigantes sobre o trabalho tradutório lato sensu, pensando sempre na discordância dos tempos-espacos entre Norte e Sul, Oeste (Ocidente) e Leste (Oriente), cidade e campo, dominantes/dirigentes e dominados/subalternos, enfim, Centro e Periferia. Seria, então, a história materialista francesa “tradutível” à filosofia idealista alemã? Seria “conversível” a profundidade do Renascimento meridional, similar em extensão para com

⁴ Vide seminal polêmica travada entre Edward Thompson e Perry Anderson sobre as *Teses Nairn-Anderson*.

⁵ Vide *Do Outro Lado do Canal da Mancha*, 1968 na Inglaterra, Especial Outros Maios Virão, Portal do PST-Unificado. Disponível na rede http://pstu.org.br/esp68_artigos9.asp (consultado ao dia: 15 de junho de 2011).

a Reforma setentrional? Como “verter” a experiência política russa aos idiomas europeus? No sardo, desde uma série de escritos – carcerários e pré-carcerários –, podemos relacionar uma concepção da “tradução” que amplia a seu escopo e alcance, já para além do texto... até o con-texto estendido. A “tradução” é daí concebida como uma forma de *mediação dialética* entre diferentes civilizações estatais integrais, sendo aí a própria língua – ou a linguagem – concebida tal qual *concepção integral de mundo*. Em carta a sua companheira de vida, Julia Schucht, Gramsci expõe esta *outra* concepção, sobre tradução, de modo claro

não apenas traduzir *literalmente*, mas *traduzir os termos – inclusive conceituais – de uma determinada cultura específica para outra*, ou seja, *esse tipo de tradutor deve ter um conhecimento crítico das duas civilizações e ser capaz de fazer com que uma conheça à outra*, usando-se da linguagem historicamente determinada daquela para a qual se intenta ofertar matéria informativa (Gramsci, *Lettere del carcere*, 1975, grifo).

O presente ensaio tem por objetivo genérico dar conta, in minimum, da difusão do pensamento gramsciano através de algumas *trilhas/considerações* pré/pós-NLR conquanto intelectual coletivo, assumindo-lhe o pressuposto de *revista-tipo* – isto é, simultaneamente configurada como conselho de redação editorial e círculo de cultura político – voltada ao constante evolver (e renovação) do marxismo britânico, de fala inglesa e, já por fim, o “Pensamento Marx-Mundo”. Especial ênfase – como objetivo específico – será posta sobre a segunda geração da NLR, seus modos de pensar e agir sobre a cultura marxista britânica, o ideário socialista de fala inglesa e, em especial, a tradutibilidade de Gramsci à Inglaterra n’*As Origens...* e n’*As Antinomias...* partindo de reconhecer ao papel-chave (ou “intelectual gatekeeper”?) desempenhado, em fim, pelo editor-responsável, Perry Anderson, a partir da centralidade do intento de *traduzir* a cultura européia – e continental – marxista à Inglaterra.

Não vamos, aqui, sequer anunciar a um panorama amplo da primeira publicística britânica de divulgação – de resto, com razoável racconto na bibliografia especializada, e, sobretudo, longe de constituir nossa preocupação por ora mais premente – do pensamento do comunista italiano.⁶ De forma tão-só ilustrativa, vamos destacar alguns de seus resortes fundamentais. Quiçá a primeira consideração a se registrar seja, justamente, a profunda influência de Gramsci sobre a vida intelectual anglo-saxã de ambos os lados do Atlântico. Uma grande influência se nota, a partir dos anos 70, nos Estados Unidos da América, animando a um programa de pesquisas, sobretudo, do marxismo acadêmico e extra-acadêmico estadunidense, cuja zona de orbitação – desde a Nova Esquerda, de cá – tentava

⁶ Para conferir algumas das primeiras referências gramscianas na estampa inglesa de então vide a: The British Press on Gramsci’s Trial, In: **Counter-Hegemony**: University of Reading, Reading, N.º8, v.1 2003, p. 52-66.

desmarcar-se tanto do espectro stalinista quanto do reformismo clássico, conformando quadra semelhante a seus pares d'além-mar, de lá. Teoria Política, Relações Internacionais, Sociologia Pública e até mesmo Crítica da Cultura adquiriam vocabulário gramscizante ao Norte das Américas após alentar-se vários movimentos sociais que chacoalharam os *campi*.

No momento da queda do Muro de Berlim a NLR anunciava ter sido na Inglaterra “após a Itália – e mais que qualquer parte do mundo – [o lugar onde] a obra de Gramsci desempenhou influência profunda, prolongada e diversificada”.⁷ Boothman (2005, p. 2) diz considerar a melhor avaliação crítica já redigida a respeito até o momento, e registra que: “são quase 3 mil publicações sobre Gramsci em idioma inglês, 19% do total de outras 14 mil e quinhentas obras, de diversos tipos, distribuídas em trinta e quatro línguas com busca database acessível, detalhes bibliográficos de todas publicações, instrumentos atuais (...)”. O autor realiza uma interessante reflexão – sobre a relação entre difusão e recepção, dos primeiros recenseadores de edições togliattianas, já na Inglaterra – afirmando que nenhuma tradução “nasce no vazio”. Destaca o paciente – e meticuloso – labor dos agrupamentos político-culturais para organizar círculos de cultura e centros homogêneos de produção e circulação de idéias e, antes disso, as primeiras pré-noções, e pré-juízos, sobre obra e autor.

Antes da primeira publicação de Gramsci em inglês, comentários e excertos foram editados “a cura” de Christopher Hill – notório historiador britânico – após circulação algo elogiosa no Times Literary Supplement e, a posteriori, pelo exilado político em plena Era MaCarthista, Henry Mins, na Cidade do México – sob pseudônimo Giulio Muratore –, com comparações estilísticas com as meditações pascalinas e juízo bastante favorável. Trechos da edição temática eram precedidos por prefaciações em especial sobre literatura e política e tentava-se dar conta de alguns informes, mínimos, sobre o contexto italiano e o lessico histórico-filosófico do autor, amigos e inimigos. Preparava-se terreno a lavrar nova cultura.

III

A primeira edição de Gramsci na Inglaterra resta a cargo do Grupo de Historiadores do PC e coincide com a crise do Informe-Krushev, a destruição stalinista da revolução dos

⁷ FORGACS, David. Gramsci and Marxism in Britain, In: **New Left Review**, I/176, jul./ago. 1989, p. 70-88; COZENS, Phil. **Twenty Years of Antonio Gramsci**, Lawrence and Wishart: London, 1977; ELEY, Geoff. **Reading Gramsci in English** – Some Observations on the Reception of Antonio Gramsci in the English-Speaking World 1957-82, CRSO N.º 314, Ann Arbor : Center for Research Social Organization, 1984, p. 49.

soviets húngaros e, enfim, a invasão anglo-franco-israelense ao Canal de Suez. A mal-dita “Ortodoxia Marxista” reinante – expressão de sua negação à morte, ou Komintern, no plano das idéias – ainda exigira algo em torno de vinte anos desde a primeira possibilidade objetiva de publicação pela imprensa do partido britânico. Trata-se d’*O Moderno Príncipe e Outros Escritos* “a cura” de Louis Mark o qual ainda enceta uma apresentação à vida e à obra do autor – no outono do mesmo ano – na revista teórica de responsabilidade do grupo, Marxist Quarterly, onde faz uma breve exposição sobre o conceito ampliado de intelectual. Até aqui uma série de equívocos – factuais / tradutórios, teóricos e políticos – se acumulam antes e depois de sua primeira publicação em livro. Em parte podemos debitar tais desvios à conta da anterioridade à Edição Crítica ainda que houvesse já em cena o Istituto Gramsci.

Filosofia della Praxis, p.e., negando os traços hegelo-marxianos de suas raízes, vira Philosophy of Action, de cariz já pragmático – parte, mesmo, da cultura teórica inglesa –, empirista ou fenomenológico. Esse é um dos muitos exemplos possíveis, como também problemas com excertos da Questão Meridional, escritos de L’Ordine Nuovo e as notas Anti-Bukhárin. Aqui a literatura especializada nos traz uma hipótese diretriz bastante forte. Retomando à relação entre os estudos filológicos de Gramsci sobre linguagem e a relação da supremacia lingüística com sua concepção de hegemonia pressupõe-se a um momentum de preponderância do idioma italiano – do ponto de vista teórico e político, de sua herança histórico-nacional, desde as formas que compreendem o movimento da classe (e classe em movimento) – sobre a língua inglesa. A condição “periférica” e “subalterna” do inglês – do ponto de vista da formação (movimento) de consciência/organização/experiência da classe continental – dificultariam, e muito, a tarefa tradutória. Daí que o problema da tradução seja, nos termos que aqui adotamos, sobretudo **extralingüístico** ou, para utilizar o lessico gramsciano, *nexo uno-distinto entre direção/política + especialidade/técnica* ou, enfim, um problema eminentemente *intelectual* em sentido ampliado *i.e.*, de *organização coletiva*. (Certamente uma hipótese que teria adeptos entre a segunda geração da redação da NLR...)

A revista New Reasoner, surgida para polemizar com a direção do PC após o XX Congresso, acolhe, ali, cartas e comentários gramscianos. Após seu décimo número dá-se a fusão com a New Left and Universities – dando origem à NLR, em 1960 –, tornando-se daí o novo órgão e expressão organizacional dos Clubes da Nova Esquerda que abrigavam a Campanha pelo Desarmamento Nuclear e, sobretudo, sua manifestação teórico-política. Importante órgão das millieux da esquerda socialista, a NLR atravessaria uma crise dupla, interna, desde os seus problemas de direção moral e intelectual da redação, e externa, do

movimento que lhe deu origem, em refluxo. Nada obstante, foi esta revista a continuar a propor Gramsci como autor de primeira importância (junto ao *marxistencialismo* sartreano) e, pela primeira vez, o seu trabalho consistia não tanto na edição das suas notas – pouco traduzidas, desde Marks –, mas na tentativa mesma de ler o real em movimento a partir do movimento do conceito para além das fronteiras italianas. Gramsci exercerá uma influência decisiva, sobre a NLR, nos anos 60 e 70. Um dos conselheiros da redação, Quintin Hoare, junto a um Geoffrey Nowell Smith, especialista em cultura e política italiana (e autor de volume sobre Luchino Visconti), preparavam as *Seleções dos Cadernos do Cárcere*, quiçá o quadro referencial de Gramsci mais lido mundo-afora. Hoare fez publicar no vol. 32 (julgo. de 1965, p. 55-62) a própria tradução de algumas notas, contidas no Caderno 12, o especial monográfico sobre a História dos Intelectuais, sob o enunciado de *Em Busca do Princípio Educativo*, Q.12§2. (Interessante é, aqui, a vasta introdução de Hoare, na qual demonstra a pertinência, dos argumentos de Gramsci, para a situação educacional britânica.)

A seguir realizaremos algumas notas breves, todas elas tentativas e exploratórias, no sentido de apresentar algumas questões cuja colocação provoque o debate sobre dois dos materiais em que Perry Anderson apresenta a apropriação crítica de Gramsci da NLR. Num primeiro momento, *Origins of the Present Crisis*, primeiro material das famigeradas “Teses Nairn-Anderson” e, por fim, o famoso opúsculo *The Antinomies of Antonio Gramsci*. Se na primeira há a tentativa de construir um cânone de interpretação histórica sobre a via inglesa ao capitalismo a partir de um *enfoque monográfico*, baseado, este, nas diferenças específicas do caso britânico, já o segundo é um tour de force sobre a teoria gramsciana da hegemonia. Acreditamos que mais do que re-velar antinomias do pensamento de Antonio Gramsci nos vamos aqui deparar com uma apropriação ainda incipiente – e algo naïf – do próprio Perry Anderson. Deixaremos, por fim, para outra oportunidade as polémicas das Teses com Edward Thompson – e Nicos Poulantzas – e as aproximações e distanciamentos propostos, entre a teoria de dois *marxistas clássicos*, *i.e.*, Antonio Gramsci e Leon Trotsky.

A intenção primeira de Anderson – com *Origins* – era apresentar uma historiografia diferencial e totalizante da sociedade civil e do Estado britânicos para relacionar passado e presente em vistas da possibilidade aberta de vislumbrar um futuro emancipado. Sua crítica aos historiadores autóctones – considerados, no mundo ocidental, “os melhores” – era algo explícito. Quiçá aí, para além da “*differentia specifica*” dos ingleses, Anderson não estaria buscando, ainda, a diferenciação *geracional* entre membros diversos dos quadros da NLR?

IV

A ênfase sobre os “equivocos metodológicos” prévios traria à tona uma discussão de **estratégia socialista**. Três características distinguiam o *seu* lessico gramsciano: i) enfoque sobre a *singularidade nacional*, ii) perspectiva de totalidade nas *durações as mais longas* e iii) *anti-economicismo*, expressando a suas divergências sobre o senso comum formado na recepção inglesa do “Prefácio de 1857” – esquematização Base/Superestrutura – quando por exemplo discute o amálgama inglês de não-acerto de contas entre aristocracia fundiária e burguesia capitalista, implicando-se-as aí numa aliança de classes onde “quem dirige não domina e quem domina não dirige” e, por fim, sua aposta pela preponderância da cultura por sobre o fundamento da economia. Afirmava, com isso, o caráter “prematureo e impuro” duma revolução burguesa no país, com a justaposição de agrarismo e mercantilismo e a consertação social – “por cima” – entre a velha e a nova classe *contra uma novíssima classe*.

A permanência, algo tardia, duma superestrutura arcaica com estrutura moderna, a mobilização contra-revolucionária – contra a França – e a supremacia do império britânico selariam o destino de uma burguesia “sem caráter [supine] que produziu um proletariado subordinado”. Questionando a ideologia dominante, o caráter corporativo-econômico do proletariado inglês e a configuração mesma do poder de Estado na Inglaterra, alcançava a conclusão de uma situação anódina: burguesia conservadora (“empirista, tradicional e utilitarista”) + proletariado desprovido de qualquer consciência própria fatalmente *inserido* a uma vil ordem britânica. Muito longe de se constituir em classe universal, Anderson via-a immanentemente reformista, crítica implícita aos Labourismos, Stalinismos e Fabianismos.

Anderson elencava insignificantes burocracia/militares, excepcionalismo econômico e um superdimensionamento mórbido da cultura, *i.e.*, “supremacia sociedade civil-Estado” junto à crítica radical ao “braço político”, como coetânea duma crítica ao “braço sindical” (tradeunionista), e sobretudo à separação econômico/político na luta “de baixo”. Por mais que se possa reprovar a carência de mediações – e co-determinações – o cosmopolitismo abstrato ou, como o fez Deustcher, o “niilismo nacional” das Teses, não se pode negar que sua *impostação programática* apostava numa séria e desafiadora “negação da negação” de todo quadro referencial até então aceito pelo bem-pensar/bem-dizer hegemônicos dentro da esquerda socialista britânica da Guerra Fria. Um tom abertamente polêmico – poder-se-ia lembrar o “*vergar a vara*” lenineano – magnificou às premissas sob o risco da exageração, o que renderia uma apaixonada querela, sobretudo com Edward Thompson (sobre a qual

nós pretendemos nos debruçar, já em detalhe, nas próximas oportunidades). Mas a um só e mesmo tempo incendiou à imaginação social e política – de toda uma milieus – em vir-a-ser.

Por mais unilaterais (e esquemáticos) que possamos considerar aos esforços de Anderson à época – tachados de Olimpianismo, por seus críticos mais vorazes –, não nos é possível desmembrar texto e con-texto. Tratava-se nitidamente de uma tentativa de superar uma crise da primeira geração da New Left, qualitativamente superior às saídas de seus maiores quadros. Após a dupla derrota de, por um lado, não transitar da “discussão difusa à organização política” e, por outro, ver-se submersa ao “apoio crítico” à Ala Esquerda do Labour Party, a gota d’água derradeira adveio com a Conferência de Scarborough, quando os votos da burocracia sindical enterraram às ilusões a respeito do Desarmamento Nuclear. Os intentos de Anderson de alçar a estratégia socialista britânica a níveis mais elaborados, atingidos pelo marxismo europeu do ponto de vista teórico-político, demandava mobilizar “mentes e corações” para a produção e circulação de um programa de pesquisas de um real *intellectual coletivo*. O *jovem Anderson* acabava de avocar-se à direção do espólio da NLR .

Nos balanços coletivos (e documentação interna) da NLR – forma organizativa que aproximava a revista do “jornalismo integral”, Q.24 – Anderson sugeria a análise histórico-comparativa das formações capitalistas particulares, que o levou a redigir *Origins*, desde uma tríplice orientação: i) determinar as coordenadas históricas da crise do tempo presente desde uma perspectiva de totalidade vis-à-vis às mais longas durações de circuito temporal, ii) desenhar o arranjo de forças sociais em presença de precário equilíbrio da atual crise e iii) desenvolver a impostação político-programática baseada fundamentalmente em i) e ii). Ao criticar a ausência de um marxismo inglês coerente e unitário (o que considerava parte do problema de *decadência ideológica* insular) seu olhar se vira para o continente europeu. Suas principais referências são, aí, as cenas marxistas francesa, alemã e italiana. Sobretudo Sartre d’Os Comunistas e a Paz, Lukács d’O Assalto à Razão e, enfim, o Gramsci dos QC .

Muito embora os seus horizontes estreitos em relação aos ciclos históricos de curta duração fossem limitados (tática), sua perspectiva histórica de longa duração (estratégia) animava uma análise (caracterização) refinada da natureza social e limites históricos das relações de poder e estruturas de classes inglesas. A atração pelo pensamento do sardo, a sua principal influência, fora gerada a partir de dois eixos axiais: i) a decupagem dos traços histórico-nacionais de sua formação social desde a *singularidade* de sua própria revolução burguesa e ii) a *distinção* estabelecida entre a estratégia socialista de Ocidente e Oriente. Se a “tática” envolvida remetia-nos a uma espécie de Eurocomunismo “avant la lettre”, sua

“estratégia” identificava trincheiras, casamatas e fortalezas contra-revolucionárias da mais longa duração, pondo o “premature” proletariado inglês face-a-face com casos avançados – desde França, Alemanha e Itália –, onde a influência marxista já se fazia notar de-há muito.

VI

Tal movimento de *internacionalização* – considerando a história do país à luz da história mundial – e, sobretudo, a aproximação cada vez mais candente com o “marxismo ocidental”, deviria objetivação duradoura na NLR, em geral, e em Anderson, em particular. Ao enfatizar a limitação autoevidente da crítica da NLR, ao não lograr se reconverter em algo próximo a uma força efetiva em movimento costuma-se perder de vista sua *conquista*. Com uma inédita (na história inglesa) consciência mediata dos fins, formava-se um grupo que, por mais que liliputiano e com pendores ultra-teoricistas, se colocava a tarefa imediata e o interesse histórico em criar uma intelectualidade de novo tipo na ilha, inicialmente, e para além dela, ato contínuo. Na tríplice caracterização de Anderson sobre a crise britânica pode-se ler impostação duma política cultural por sobre uma cultura política determinada. Se pouco tinha a oferecer o marxismo andersoniano sobre a questão militar-burocrática (i), uma singularidade inglesa advinda de sua geopolítica imperial internalizada e o chamado excepcionalismo econômico qual um sistema topográfico de centralidade extraparlamentar, que tornava inócuos aos intentos políticos-labouristas e à força sindical-tradeunionista (ii) sua atenção vai recair sobre o papel preponderante da cultura (iii) na relação de dominação própria *desta* ordem, em particular, e das formações sociais da Europa Ocidental, em geral.

Finalmente, a importância extrema de instituições culturais na configuração distintiva de poder na Inglaterra já foi sugerida. O controle dos sistemas de educação (escola pública + universidades) e comunicação (oligopólio de imprensa) é decisivo para a perpetuação da hegemonia da “classe alta”. Ambos, por sua vez, derivam de – e conformam – características históricas mais amplas do padrão de poder. O Sistema Público-Escolar + Oxford-Cambridge fenomenicamente formam, precisamente, um sistema educacional *não-estatal* (que exhibe um contraste extraordinário para com o burocratizado sistema educativo público, digamos, da França). Já a incomparável centralização – e oligopolização – do controle da imprensa reflete fielmente o grau de concentração e integração nacionais que o capitalismo industrial mais velho do mundo alcançou lograr. (ANDERSON, 1964, p. 23, grifo do autor, tradução/adaptação nossa.)

Privado da possibilidade objetiva de problematizar um programa de ação para as esferas fundamentais da Economia e da Política inglesas Anderson – em meio a um estágio da arte, desde os estudos gramscianos, que o levaria a uma interpretação autolimitada da

própria fratura estabelecida entre estrutura/superestrutura e, enfim, sociedade civil e Estado – chegaria a superdimensionar, desde o movimento do conceito, à esfera da Cultura. Numa confortável reafirmação da fórmula política hegel-marxiana da “supremacia sociedade civil-Estado” – que em Marx cumpre o fito de analisar a anatomia *social* do Estado *político* – Anderson descurava da sofisticada teoria gramsciana expressa no enunciado conceitual, de sobra conhecido, de “hegemonia encouraçada de coerção”. Se com uma mão Anderson tratava de afastar economicismo e politicismo, com a outra alentava a certo “culturalismo”.

Certamente inspirado pela apropriação de Hoare do *princípio educativo* gramsciano, e atento à instigante reflexão do internacionalista italiano *sobre os jornais e revistas* de sua época – respectivamente, Q.12 e Q.24 –, Anderson intenta uma *primeira aproximação* à questão do aparelho de hegemonia inglês face-a-face com a constelação triádica de poder. A idéia-força de um trabalho coletivo, de inter/pret/ação da obra de Antonio Gramsci, e a mobilização de sua teoria, para a trans/form/ação da realidade insular inglesa, é venturosa. Desde este grupo, permite-se antever sua virtú. Os riscos, teóricos (e práticos), abundam... A estrutura hierárquica do scholar system grão-britânico, bem como suas tradições ultra-conservadoras, perfaz contratendências insosslaiáveis contra qualquer intelectual coletivo. O espectro da mera reprodução de receituários, ou o *centralismo burocrático*, assombra. As notas em que Gramsci se dedica ao sistema universitário, e a crítica que faz à alienação entre docentes e estudantes – e à ausência mesma de um contacto organizado –, podem ser coextensivas/contemporâneas à realidade vivida pelos jovens intelectuais recém-formados.

São menos conhecidos, contudo, os parágrafos sobre o modo de produção intelectual dos conselhos de redação das revistas-típicas – que funcionam como círculos de cultura – no qual este, preservando as especialidades técnicas de cada um, exerce a crítica qual órgão colegiado, *sintetizando um trabalho intelectual que, para além de pertencer a um domínio exclusivo da produção cultural, encontra-se – por meio e desde as suas tarefas teóricas e políticas as mais amplas – continuamente à prova do diálogo crítico entre teoria e prática lato sensu* e, enfim, constantemente reexaminada/revisada/**revista**.⁸ É este o novo tipo de trabalho intelectual – típico de um centro homogêneo – que emerge das intenções do autor. (No Brasil, para além de autoras como Rosemary Dore, encontramos escassa produção de fôlego sobre este quaderno especial. A centralidade que Gramsci atribui ao jornal como um *organizador coletivo* encontra páreo em concepções bolchevique-leninanas de *Que fazer?* e *Por onde começar?* e *Imprensa do Partido e História do Partido Bolchevique*, de Zenoviev)

⁸ Como explicamos em nosso projeto a palavra inglesa Review traz implicações histórico-filológicas de vulto

Anderson tentava esboçar, afirmação corroborada por documentos internos da NLR, uma *vigorosa antítese* ao sistema universitário e ao oligopólio midiático ingleses através da formação de uma nova camada de novos intelectuais. A intelectualidade socialista, com o pressuposto de formar uma nova cultura política a partir duma nova política cultural, é a agência mediadora que o autor concebia como elo de ligação entre o mundo do trabalho e o mundo da cultura. Apostando demasiado na “teoria” (e na “intelectualidade”), Anderson se furtava da advertência gramsciana sobre o “*erro iluminista*” da intelectualidade profissional.

VII

Entre *Origins* e *The Antinomies* uma juntura de “crise e revolução” já se interpunha. A vaga revolucionária – de 1967-1975 – que teve seu epicentro às margens do Rio Sena se estendia ao movimento de aliança operário-estudantil cujo sintoma mais gráfico se entrevia nas ocupações/bloqueios e barricadas que se sucederam em quase todo continente europeu. A trilogia das Teses (*Origins*, *The Left in the Fifties* e *Socialism and Pseudo-Empiricism*) encontrou sucedâneo em *radicalização teórico-política* que atinge seu ápice com a *nova trilogia não-premeditada*: de *Considerations on Western Marxism*, *Arguments Within English Marxism* e *In The Tracks of Historical Materialism* (O primeiro dos títulos foi aqui publicado como *Considerações sobre o Marxismo Ocidental* enquanto o último deles foi já vertido como *Crise da Crise do Marxismo* e, já mais literal, *Nas Trilhas do Materialismo Histórico*. O segundo material, que aprofunda a polêmica Anderson-Thompson já iniciada nas Teses, curiosamente nunca teve tradução brasileira, estando disponível em castelhano.) Não será esse o lugar no que desenvolveremos devida *valorização* deste **trabalho coletivo**.

Do interior mesmo desta nova trilogia há ligação direta, orgânica, com um trabalho que acabou por se *autonomizar* intelectualmente do conjunto. Para explicar tal ligação, contudo, é preciso rememorar às coordenadas históricas – e ao mapeamento complexo – que realiza Anderson em *Considerações*. O projeto político-teórico da segunda NLR já é possível de divisar em nítidos contornos na trilogia nova a qual, a rigor, deveria ter sido assinada coletivamente pelo conselho de redação (na prefaciação e na posfaciação do texto Anderson deixa claro tratar-se de um trabalho eminentemente coletivo, auto-evidenciando, marxísticamente, as marcas de produção, gravadas à força de cinzel na relação de trabalho) Consideramos a esta enquanto expressão decisiva da fase **suprema** do desenvolvimento

teórico-político da NLR. A escolha da palavra não é casual, e nem a-crítica. Enquanto unidade léxico-semântica – e, portanto, *atribuidora de significado* –, pretende captar, de forma contraditória e simultânea (ou, *dialeticamente*, poder-se-ia dizer) a *ascensão*, o *ápice* e o *declínio* (1968/1974/1983) do estágio ulterior da trajetória político-epistemológica assumida em direção à estratégia socialista e o ulterior recuo, desde o “marxismo clássico”.

A expressão “marxismo ocidental” é tomada de empréstimo dum célebre ensaio de Merleau-Ponty (1955), o qual contrapunha o dito *marxismo ocidental* a outro, *soviético*, difundido este, de modo *essencialmente indistinto*, em *tempos* diversos, *perspectivas* várias, múltiplos *eixos* e nos seus diferentes *espaços*, já fossem as sociedades do Leste, a URSS ou os satélites que orbitavam sob sua zona de influência, os PCs ocidentais. A expressão de Ponty, na verdade, era moeda corrente entre as milieux políticas de Anderson. Mais que isso Anderson – em seu trabalho publicístico – muito contribuiu para difundi-la. Assim, somente se pode compreender a nova utilização da noção em Considerações tal qual duplo «*acerto de contas*» – fundamentalmente mediado –, tanto para com a velha expressão pontyana, à qual *a priori* aderira acriticamente, quanto às premissas e conclusões que balizavam seus vários expoentes. Este movimento é enfim tanto teórico como político. A nova apropriação, teórico-crítica, trata, sobretudo e a sua vez, de superar dialeticamente os pressupostos *estáticos* – e os seus resultados pseudo-*historicistas* e/ou *sociologizantes* – alcançados pela perspectiva, unilateral, de Ponty. O procedimento – em relação a esta noção, tal qual originalmente formulada – expressa, mais do que a sua mera negação, uma complexa operação que, simultaneamente, subtrai o signo de seu con-texto ideológico referencial transliterando-o, à seqüência, ao interior de uma problemática teórica de um novo corpus. Nesse caso, trata-se de elevar uma noção de valor *instrumental* (e caráter, fortemente, *ideológico*) para – e sob intensa *mediação da história* – reconvertê-la em plena *categoria analítica* a qual lhe sirva – para além de um *cânone empírico de interpretação* – de revelação daquilo que até ali permanecia oculto *sob o nevoeiro ideológico de sua primeira exposição*. Nessa complexa re-formulação, o conceito é utilizado para traçar uma sofisticada cartografia, da constelação teórica sucedânea de Lenin, Rosa, Trotsky, e outros.

As coordenadas gerais do *marxismo ocidental* – conquanto *heterogênea vertente intelectual do marxismo* – são consideradas daí em Anderson na amplitude de seu espectro teórico-temático. Nada obstante, a síntese realizada por Anderson trata-se já de uma penetrante análise das causalidades históricas e estruturais mais profundas que operaram sobre gerações marxistas inteiras da Europa Ocidental, surgidas estas após os

contemporâneos de Rosa e Karl, Lenin e Trotsky. As condições objetivas, através das quais operaram o “deslocamento” (“displacement”) teórico, podem ser sintetizadas em determinadas “coordenadas históricas” (“historical coordinates”) dum “mapeamento” (“mapping”) complexo – as expressões são do autor mesmo – situadas após uma conquista inicial – e, a posteriori, dum isolamento –, da **Revolução dos Soviets**, de Outubro de 1917. i) a derrota da insurgência social proletária no Velho Continente, suas organizações revolucionárias, e órgãos de poder dual – Alemanha, Hungria e Itália –, já no pós-guerra; ii) a constituição de «*frentes populares*» abrindo passo à ascensão do nazi-fascismo e configurando a uma nova derrota operária – nos anos 30 – nas Espanha, Alemanha e Itália; iii) o encouraçamento da *burocratização da URSS* e da *stalinização do Komintern* – com gradual *passivização dos intelectuais* –, e uma posterior dispersão partigiana sul-européia, iv) a subordinação real geral do Trabalho ao Capital – e a subsunção real do trabalho intelectual ao capitalismo monopolista, em particular – mediante o boom econômico do segundo pós-guerra, sob as democracias liberais-parlamentares na Europa Ocidental constituem, por fim, a quintessência contra-revolucionária do período pós-1945, com a adesão ativa – dos partidos social-democratas e stalinistas – aos “anos áureos” desta Ordem.

Ainda que relutantemente, Anderson adscrive Gramsci, em suas Considerações, a seu conceito de *marxismo ocidental*. Ainda antes das Edições Críticas podemos considerar que Anderson, apesar do conhecimento do idioma italiano e do estreito vínculo com uma discussão a respeito do contexto italiano, entusiasta que era do PCI à época, não teria ainda avançado muito para além do senso comum ilustrado que se formara sobre Gramsci tal qual um “teórico das superestruturas”. Contudo, em um momento preponderante de intensa radicalização teórico-política, Anderson não se satisfaz com o racconto que empreende do pensamento gramsciano em seu mais célebre ensaio e dedica todo um tópico especial, posteriormente editado como livro, intitulado **The Antinomies of Antonio Gramsci**. Nas *trilhas e considerações* sobre o marxismo de Anderson, cotejando interpretações de sua obra e, em especial, documentação interna da NLR, chega-se à conclusão de que n’As *Antinomias* há um nexo de unidade-distinção com a trilogia nova. Anderson teria se dedicado a aprofundar sua apreciação sobre Gramsci em material que permaneceria inédito e a posteriori destinar-se-ia servir de infraestrutura a seu *Estado e Revolução no Ocidente*.⁹

A grande difusão de Gramsci na cultura anglossaxã fornece um incentivo adicional, “mais local”, para um novo exame de seu legado na primeira revista a utilizá-lo de forma

⁹ Qual veremos nos próximos passos da pesquisa em curso, um tal volume nunca seria curado pela NLR/NLB

sistemática fora da Itália. Os artigos de 1964-1966 da NLR foram amplamente refutados, mas, a partir de meados de 70, seu pensamento era, então, irresistivelmente, assimilado. O fenômeno do Eurocomunismo na Europa latina havia entusiasmado certa intelectualidade. Anderson propunha-se, à época, a uma revisão mais acurada e direta sobre a letra do sardo. Ao anunciar o empreendimento ambicioso de seu programa de pesquisas o autor não nos poupou promessas de análises detidas e rigor filológico, reconstituição de ambiências intelectuais, redes de correspondências, localização de fontes primárias e largo etecétera tal “condição indispensável (...) a qualquer avaliação profunda ... da hegemonia em Gramsci” (ANDERSON, 2002, p. 18). Não será aqui, neste exercício de primeira aproximação, que nós nos deteremos de forma mais elaborada sobre a apropriação andersoniana de Gramsci. Desde já cabe indicar que a contestação mais acurada sobre este trabalho se encontra em Francioni (1984). A importância de adiantar tal diagnóstico tem a ver com *o lugar da NLR*.

O marxismo anglossaxão foi gradualmente se convertendo na mais importante das vertentes de um “*Pensamento Marx-Mundo*” e, neste contexto, não é menor o lugar da NLR. As razões históricas que elevaram a condição deste marxismo não podem aqui ser examinadas em detalhe. Mas cabe uma asseveração, de início, bem simples. A supremacia lingüística do idioma inglês, hoje em dia, não se encontra ancorada propriamente num tipo de hegemonia do mundo do trabalho em suas fronteiras. O cânone científico-social logrado em/por seus expoentes marxistas, contudo, evidenciam um deslocamento do centro de gravidade do mundo latino àquele de fala inglesa. E “a diversidade dos sotaques” coloca ao idioma e as Ciências Sociais numa relação em que “a globalização é conjugada em inglês”. (ORTIZ, São Paulo, Brasiliense, 2008). Por essa mesma razão, o papel interlocutório que cabe a Anderson não é menor – na divulgação/recepção de Gramsci – na esquerda socialista.

Trata-se aqui, centralmente, de um estudo da questão da hegemonia em Gramsci e, simultaneamente, uma teorização sobre o Estado e a revolução nos países de capitalismo avançado da Europa ocidental no Séc. XX. Segundo observação crítica suscitada pela atenta leitura de Edmundo Dias n’*As Antinomias* revelar-se-ia um grande desconhecimento do texto gramsciano por parte de seu autor, que motivara – por sua vez –, a maior parte dos mal-entendidos entre a esquerda socialista, no que se refere à interpretação da obra de Gramsci. A exposição gramsciana dos *Quaderni* – difícil, sinuosa e inacabada – haveria sido mutilada na edição inglesa manejada por Anderson, que acabou se constituindo num notório interlocutor do pensamento gramsciano entre a esquerda mundial a qual, no mais das vezes, abster-se-ia de ler a Edição Crítica “a cura” de Valentino Gerratana. Tratar-se-ia

de sucessivos erros: *intercambia-se a ordem de exposição original com a da publicação inglesa, ignora-se a diferença fundamental entre a hegemonia restrita da burguesia e a hegemonia ativa do proletariado, deixa-se de lado a alusão à relação de forças político-militar na questão da insurreição e dilui-se o horizonte revolucionário da dualidade de poderes.* Porém e com todos problemas atesta uma *nova leitura*, operosa/operante, na NLR.

REFERÊNCIAS:

BIANCHI, Alvaro. **O Laboratório de Gramsci.** São Paulo, Alameda, 2008.

ANDERSON, Perry. Origins of the Present Crisis. **NLR**, I/23, 1964.

_____. The Antinomies of Antonio Gramsci. **NLR**, I/100, 1976.

BLACKLEDGE, Paul. **Perry Anderson, Marxism and New Left.** London, Merlin Press, 2004.

BUTTIGIEG, Joseph. The Prison Notebooks: Antonio Gramsci's work in progress, **Rethinking Marxism**, Vol. 18:1|37, 2006.

BOOTHMAN, Derek. Le Traduzioni di Gramsci in Inglese e la Loro Ricezione nel Mondo Anglofono. **InTRAlinea** (Online Translation Journal), Vol. 7, 2005. Disponível na rede <http://www.intralea.it/volumes/boothman2005.pdf> (consulta ao dia 15 de junho de 2011).

DEL ROIO, Marcos. **Os Prismas de Gramsci.** São Paulo, Xamã, 2005.

DIAS, Edmundo et al. **O Outro Gramsci.** São Paulo: Xamã, 1996.

ELLIOT, Gregory. **Perry Anderson: el laboratorio implacable de la historia.** Girona, UdG, 2000.

FRANCIONI, Gianni. **L'Officina Gramsciana.** Napoli: Bibliopolis, 1984.

RECEBIDO EM 25-03-2016

APROVADO EM 07-07-2016